

A CONCORDÂNCIA COM *UM DOS QUE* NA TRADIÇÃO GRAMATICAL DO PORTUGUÊS

Evanildo Bechara
UERJ/UFF

O constante drama que, nos enunciados, se estabelece entre o plano formal e o plano semântico nem sempre tem permitido que as línguas traduzam com certo rigor e normalidade as relações gramaticais com que os termos sintáticos se regimentam e ordenam nas orações.

O fenômeno da concordância – quer nominal (entre adjuntos e seus núcleos substantivo e pronome), quer verbal (entre o verbo e o sujeito) – espelha bem, em muitíssimos casos, a perplexidade do falante diante de certos casos que se lhe deparam freqüentemente. Jovem ainda, ouvi de um excelente professor de sala de aula, investigador conceituado dos fatos de nossa língua – o competente José Oiticica, catedrático do Colégio Pedro II – que, em matéria de concordância, o português apresenta casos lógicos e ilógicos: os lógicos não precisam ser ensinados, porque neles ninguém erra; os ilógicos ou duvidosos (por contrariarem princípios da gramática), procedam como quiserem, porque, qualquer que seja a opção, estará sempre certa.

Está claro que para um espírito lúcido e retilíneo como o do Prof. Oiticica, vai na afirmação um pouco de espirituosidade; todavia, diante de alguns casos, a lembrança do velho e saudoso Mestre facilmente nos acode.

Um desses casos muito discutidos entre os gramáticos e que motivam o suplício de candidatos a concurso diante da opção intransigente de bancas examinadoras, é o que diz respeito à concordância do verbo – no singular? no plural? – referido à expressão *um dos que* em contextos do tipo: *Ela foi uma das que mais brilhou* ou *brilharam no curso*.

Como o capítulo da sintaxe é o que só bem recentemente, na gramatocografia de língua portuguesa, vem recebendo atenção especial (as mais antigas nem traziam capítulo sobre este domínio), nem todas tratam do problema. Por exemplo, não se discute o fato na excelente, para a época, *Gramática* de Júlio Ribeiro, cuja 1ª edição data de 1881, mas que tem na 2ª de 1885 a melhor

versão. Também não se registra a concordância nas gramáticas saídas em 1887, para atender à reforma de ensino de línguas (*Noções de gramática portuguesa* de Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade; *Gramática descritiva* de Maximino Maciel; *Gramática portuguesa* de Alfredo Gomes). Vai fazer exceção a *Gramática portuguesa* de João Ribeiro, pelo menos nas edições mais modernas, já que não tenho acesso, no momento, às primeiras edições, a partir de 1887. Aí o nosso estudioso recomenda que “o verbo da segunda proposição deve estar no plural:

“Eu sou dos que *entendem*...

Sou um dos que *pensam*.” (pág. 230 da 22ª edição de 1933)

Mas continua sua lição:

“Deve-se, pois, considerar excepcionais (ainda que não faltem exemplos entre os antigos) todas as construções como a de Júlio Dinis (Pup. 3º):

O reitor foi um dos que mais se *importou* com a preocupação do homem” (Ibid.)

E depois de transcrever exemplos de Bernardes e Fernão Lopes, remetidos pelo colaborador assíduo Firmino Costa, conclui:

“Entretanto, esses exemplos já se não conformam com o uso moderno mais geral.” (Ibid.)

Na sua *Gramática portuguesa* (Belo Horizonte, 1920) Firmino Costa, embora reconheça que se encontra “nos clássicos a concordância no singular”, ensina-nos:

“Entre as duas construções, *um dos que mais lutaram* e *um dos que mais lutou*, a primeira parece ser a única aceitável.” (pág. 227)

As mais ou menos leves insinuações registradas pelos gramáticos de ontem e de hoje em favor do uso do verbo no plural – apesar dos exemplos em contrário correntes em bons escritores de todos os tempos – contrastam com o parecer peremptório de Epifânio Dias na sua *Sintaxe histórica*, publicada postumamente em 1918:

“Obs. Em expressões como: *um dos que mais trabalharam* é erro (o grifo é meu) concordar o predicado na oração relativa com a palavra *um* e dizer: *um dos que mais trabalhou*. Este erro (o grifo continua sendo meu) cometeu Fr. Luís de Sousa, quando disse: *Esta cidade foi uma das que mais se corrompeu da heregia* (V. do Arc. I, 191) (§ 23 da pág. 36 da 2ª edição, 1933, da *Sintaxe histórica*).

E não contente com a condenação, acalmou os ânimos aos que, por ventura, lembrassem o testemunho dos clássicos, advertindo-os em nota de rodapé:

“Foi escolhido este passo de Fr. Luís de Sousa, justamente para mostrar que as regras da gramática são às vezes, por descuido, violadas por aqueles que melhor conhecem a língua pátria.”

Pelas condições muito especiais por que a *Sintaxe* de Epifânio Dias foi publicada, com o notável filólogo preso ao leito por um adiantado mal de Parkinson, tendo podido corrigir apenas as 32 primeiras páginas impressas, fica-nos difícil saber se modificaria ou ampliaria a lição, caso tivesse saúde para proceder a uma revisão a que todo autor aspira. Digo isto porque em alguns de meus trabalhos tenho apontado que, em certos passos, a lição da *Sintaxe* está menos completa do que as informações exaradas em publicações cuja redação se mostra, na confecção, mais moderna do que a dela, como a *Gramática portuguesa elementar* ou a edição de *Os Lusíadas*. Em mais de uma oportunidade, tenho insistido na necessidade de se proceder a uma edição crítica deste extraordinário repositório de fatos sintáticos do português.

Lembra-me este comentário pelo fato de Epifânio, na sintaxe francesa que preparou com von Hafe na elaboração da *Gramática francesa* (1ª ed., Porto, 1875), ter só mais tarde chamado a atenção para o fenômeno da *atração*, responsável pela justificativa do emprego do verbo no singular em construções da língua de Flaubert análogos às do português.

As sucessivas edições desse precioso livro de von Hafe e Epifânio registram melhorias e aprofundamentos na redação, mormente na parte de sintaxe, que é aquela para a qual me tenho voltado com mais apuro. No que toca a este caso de concordância de que venho falando, desde a 1ª ed. (1875, § 126) até, pelo menos, a 5ª, sem data (§ 102) da *Gramática francesa*, é esta a redação:

“Quando o pronome relativo *qui* se refere à palavra *un, une*, determinada por um complemento partitivo do plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural. Vai para o singular, quando atribuímos a ação do verbo a *un, une*; e para o plural, quando a atribuímos às pessoas ou cousas designadas pelo complemento partitivo:

Voici, messieurs, une des actions de sa vie, qui *est* si belle et si extraordinaire que je ne puis me résoudre à la passer sous silence (Fléchier). L'exorde de l'oraison funèbre de Turenne est un des morceaux les plus finis qui *soient* sortis de la plume de Fléchier (La Harpe).

A lição e os exemplos estão fiéis à fonte em que se fundamentou Epifânio e a que (à versão francesa) ele mesmo referiu no Prefácio: a *Nouvelle grammaire française basée sur le latin* de Karl Ploetz, fiel também ela mesma ao original alemão *Syntax und Formenlehre der neufranzösischen Sprache* (minha edição é de Berlim, 1890).

Já na 9ª edição da *Gramática francesa* também sem data (§ 103, Obs. 2

e alínea b), Epifânio trata o problema com outra amplitude, afastando-se de Ploetz e visivelmente influenciado pela leitura do Capítulo 34 das reveladoras *Contribuições à gramática francesa (Vermischte Beiträge zur französischen Grammatik)*, de Adolfo Tobler, começadas a publicar na famosa revista de Gustavo Gröber entre 1877 e 1884, e saídas em volume em cinco séries (1ª ed., 1886; 2ª ed., Berlim e Leipzig, 1901-1912):

“Obs. 2. – Às vezes uma oração relativa pode referir-se igualmente bem a um pronome ou a um substantivo que esteja ligado ao pronome, podendo assim ser dupla a forma da oração relativa, v. gr. *J'en crois un homme comme vous qui a pu*, par ses yeux, ou *qui avez pu*, par vos yeux, voir ces faits.

b) Todavia, quando o numeral *un, une* traz um complemento partitivo do plural determinado por uma oração relativa, o verbo da oração relativa pode concordar ou com o complemento partitivo, ou, por atração, com o numeral: *L'astronomie est une des sciences qui font* ou *qui fait le plus d'honneur à l'esprit humain* (Acad.). No francês moderno a segunda espécie de concordância vai-se tornando cada vez menos freqüente.”

A seguir vêm os exemplos, um de La Harpe, repetido das edições anteriores, e outro novo de Voltaire: *C'est une des pièces de Plaute qui a eu* (Epifânio traduz *tiveram*, como que insistindo na sua lição da *Sintaxe histórica*) *le plus de succès*.

M. Said Ali, na 2ª parte de sua *Gramática histórica (Formação de palavras e sintaxe do português histórico, 2ª ed., 1930, pág. 79)*, trata do assunto nestes termos:

“O verbo, na oração relativa, posto no singular em concordância, não com o termo no plural que lhe serve de antecedente, mas com o termo seletivo *um*, ocorre também por vezes na linguagem literária, quando a oração começa por *um dos.... que*.”

Seguem-se exemplos do verbo no singular extraídos das obras de Damião de Góis, Antônio Vieira, Simão de Vasconcelos e Manuel Bernardes. Finaliza a lição comentando:

“O fenômeno do emprego do verbo no singular em vez do plural na oração relativa observa-se também em grego, em latim, em inglês, em alemão, em espanhol, em francês. A Tobler cita Boileau *M. de Soubise est un de ceux qui s'y est le plus signalé* e da Academia Francesa *L'astronomie est une des sciences qui fait le plus d'honneur à l'esprit humain*. Explica o mesmo linguísta o fato como uma atração ou assimilação progressiva.”

Ainda sob a influência dos comentários exarados no capítulo de Tobler é que Epifânio, na 9ª ed., alude ao fato de que a concordância do verbo da oração relativa no singular se vai “tornando cada vez menos freqüente.” A história da sintaxe francesa contemporânea não comprovou essa previsão, de

modo que, atendendo à referência a *um* (*uma*) ou à expressão partitiva, se poderá empregar, respectivamente, o singular ou o plural. Com muita prudência e bom senso pedagógico o “arrêté” de 1901, lembrado pela *Grammaire Larousse du français contemporain* (§ 552), recomenda:

“C’est une délicatesse de langage qu’on n’essayera pas d’introduire dans les exercices élémentaires ni dans les examens.”

Ernesto Carneiro Ribeiro, nos seus *Serões gramaticais* (1ª ed. 1880; 2ª ed. 1915, que utilizo), também ensina que, nas construções em apreço, se põe o verbo “no singular ou plural, segundo a ação por ele exprimida é afirmada de um só ou de muitos indivíduos.” (pág. 615)

Segue a surrada explicação por elipse, sempre cômoda, mas quase sempre a menos boa, e, à maneira de Bescherelle Ainé e Littré (este já condenado por Tobler, no capítulo antes citado), propõe que a “frase *foi uma de suas ações que mais me maravilhou* resolve-se na seguinte: *foi uma ação que mais me maravilhou dentre as suas ações*”, frase que não ocorreria a nenhum falante nativo de português.

Carneiro Ribeiro, entretanto, chama-nos a atenção para um caso em que, na construção *um dos que*, se impõe o singular:

“Bem é de notar que nessas espécies de construções se erra muitas vezes, empregando-se o plural. Assim, nas frases: *foi um de teus filhos que jantou ontem comigo; é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro*, será incorreto o emprego de número plural: o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso. Enunciando assim o pensamento, intento dizer, na primeira frase, que não foram todos os teus filhos que jantaram comigo: a ação de *jantar* afirmo-a tão-somente de um deles, como a ação do verbo *representar-se*, na segunda, se não entende de todas as tragédias de Racine, senão de uma só, da que se diz ser levada hoje à cena, ser hoje representada. (Ibid. 615)

Apesar de termos todos estes testemunhos oferecidos pela língua na prática de seus melhores escritores, através de todas as épocas, e pela observação de estudiosos ilustres, extrapolam de sua seara aqueles que, por opção pessoal ou por excesso de uma óptica logicista, querem pôr travas aos recursos expressivos que o idioma oferece aos utentes.

Nisto se incluem mestres de reconhecida competência, como Leite de Vasconcelos (*Lições de filologia portuguesa*, 2ª ed., 1926, pág. 378), que num breve comentário condenatório a *um dos homens que lá esteve*, em vez de *estiveram* (“porque o sujeito do predicado da segunda oração é *que*, referido ao plural *homens*”), apesar de citar a *Gramática francesa* de von Hafe e Epifânio, aludindo ao fenômeno da *atração* e aos exemplos aduzidos por Rui Barbosa, com o verbo no singular.

Nesta trilha, não considerando erro mas construção vitanda, estão ainda dois autores portugueses modernos de um livro extremamente útil – João Andrade Peres e Telmo Mória – que classificam a construção com o singular “anormal no plano sintático e ilógica no plano semântico” (*Áreas críticas da língua portuguesa* (Lisboa, Caminho, 1995, pág. 496), partindo da relação sintático-semântico que supõem existente entre *Um dos advogados que estavam na sala saiu* com *Um deles saiu* e com *Um de entre os advogados que estavam na sala saiu*, mas que, salvo melhor juízo, só guardam equivalência na designação, e não no plano sintático e semântico.

Os escritores apontam-nos o caminho a seguir enquanto certos estudiosos fecham os olhos à sua lição. Repare-se neste exemplo de Alexandre Herculano, citado por Arlindo Leite nos *Fragmentos literários* (Rio de Janeiro, Sauer, 1927, vol. I, pág. 47), no qual o escritor joga com o emprego no plural e no singular, conforme, além da expressão gramatical, assinala seu intuito de generalizar a referência do verbo mediante o plural, e particularizá-la a um só sujeito, mediante o singular, referido exclusivamente a Guizot:

“Um dos escritores franceses deste século que mais profundamente *estudaram* o mecanismo da sociedade feudal, e que em dotes de historiador dificilmente *encontrou* êmulos entre os seus compatriotas, Guizot, entende também que a sociedade feudal se caracteriza por três fatos essenciais...” (*Opúsculos*, V, 213 ed. de 1881)

Diante do exposto, se não quisermos dobrar a língua ao gosto de opções pessoais ou a preceitos formulados sem a necessária imparcialidade do pesquisador, ou ainda a uma uniformização redutora das potencialidades idiomáticas do português, teremos de concluir com a seguinte lição:

Quando o pronome relativo *que* entra na construção *um (uma) dos (das) que*, há dois caminhos para a flexão numérica do verbo da oração relativa: um *marcado*, pelo qual se põe o verbo no singular, por atribuirmos a ação do verbo ao seletivo *um (uma)*, ou por ênfase sobre si, ou porque, pelo sentido do discurso, a referência só ao seletivo diz respeito; outro, *não marcado*, pelo qual se põe o verbo no plural, por atribuirmos a ação às pessoas ou coisas designadas, sem interesse estilístico ou comunicativo de chamar especial atenção para o seletivo *um (uma)*.

Em outras palavras, a forma não marcada, como sempre, abarca e inclui a forma dita marcada. Assim, entre *dia* e *noite*, *dia* é a não marcada, enquanto *noite* é a marcada, pois só se aplica à determinada porção das 24 horas. Daí, *dia* poder incluir o espaço de duração da *noite*, quando dizemos *Passei três dias em Teresópolis* (isto é, os espaços do dia e da noite). O fato não se restringe ao léxico, mas ocorre no domínio da gramática; assim masculino é forma não marcada, pois refere-se ao gênero humano em geral (que inclui homens e

mulheres). Já o feminino é a marcada, referida apenas a uma classe dos humanos, às mulheres. Daí *tio*, por exemplo, abarcar *tio* e *tia*, mas *tia* não inclui *tio*. Isto explica por que, ao dizermos *meus tios*, podemos estar fazendo referência ao meu *tio* e à minha *tia* ou a mais de um *tio* homem. Assim também, quando um adjetivo biforme há de atribuir-se a pessoas ou coisas de gêneros gramaticais diferentes, normalmente a forma a incluir ambos é a masculina: *mulheres e homens probos*, *homens e mulheres probos*; *aragem e vento frescos*, *vento e aragem frescos*.
